

Teatro Pedagógico aos 14 anos

O Drama como terapia para as feridas da alma nascente

Iniciação para um renascer no Ensino Médio

Alfredo Rheingantz

Considerações após a vivência de um teatro de oitava série na Escola Waldorf

“Todo fantasma, toda criatura de arte, para existir, deve ter o seu drama, ou seja, um drama do qual seja personagem e pelo qual é personagem. O drama é a razão de ser do personagem; é a sua função vital: necessária para a sua existência.” Luigi Pirandello

Como Pirandello já nos aponta, é o teatro a arte que leva à identificação dos dramas pessoais, do drama da encarnação de uma missão nesta jornada terrena. Cada qual com seu drama, este é como o barco que o conduz às suas questões existenciais. Assim os dramas vividos e encenados em um teatro de oitava série levam os alunos a se preparar para o encontro com seu próprio drama, aquele que começará a cercá-lo a partir do desenvolvimento de sua identidade, do nascimento de seu próprio eu no período do Ensino Médio.

Como são os jovens de 13 a 14 anos, como veem o mundo, como se relacionam com os adultos, quais seus desejos, interesses, motivações e fome internas? O que buscam? A quem buscam? Que harmonia podemos encontrar em suas almas? São capazes de se ordenar por si, de orquestrar suas forças internas recém-acordadas? Conseguem se perceber e perceber o outro? Em que medida? O quanto já participam do mundo adulto e o quanto ainda pertencem ao mundo da infância?

Estas são algumas das questões que caminham com quem convive com eles. No dia a dia elas se revelam, o processo do porvir se apresenta, e a medida, a tênue linha da divisão entre os tons, revela onde estão. Nesta época da vida a beleza de seus corpos, rostos, expressões, participação, mostra o esplendor das forças da alma. O interesse? É o outro, a estranha sensação de se sentir atraído por outro, pela beleza da vida, a vontade de estar com aquele que lhe traz um prazer de convívio; um ímã se coloca em suas almas capaz de exercer um magnetismo, atraindo e criando repulsa. Tudo o que acontece com eles está relacionado com esta descoberta do outro e um início de reconhecimento de si próprio. Há um constante respirar, estou em mim, estou no outro. Alguns precisam ainda acordar esta capacidade de sair de si, de se colocar no outro, de sentir o outro, de ouvir de verdade. A natureza os coloca abertos nesta idade mas a maturação é individual: um a um vão chegando ao ponto de maturação em diferentes momentos, através de diferentes experiências, muitas das quais nós como professores colocamos em sua vida para justamente auxiliá-los neste processo do desabrochar da alma. É é justamente neste momento que o teatro pode ser a vivência capaz de colocá-los em pé de igualdade. Todos maturam durante o processo e ao final chegam a uma certa homogeneidade na maturidade. Mas isto dependerá de como desenvolvemos o trabalho artístico do teatro pedagógico. Há que se considerar algumas questões para trazer a plenitude aos olhares de todos os alunos.

No decorrer do trabalho prático com os jovens, sete fundamentos pedagógicos foram se apresentando, na seguinte ordem:

1-REFLEXÃO - Construção em equipe: o grupo deve acompanhar tudo em todas as etapas. O que se faz individualmente dura pouco e logo depois precisa ser apresentado aos colegas e professores. Diariamente devemos conversar e avaliar, uma constante reflexão leva a uma nova ação transformada. LUA

2-RELACIONAR - Devo carregar toda a peça e não apenas o meu papel, todo e partes carrego comigo ao deitar para dormir. Levo ao meu sono tranquilo toda a vivência de uma vida inteira condensada em uma história. O meu papel eu assumo e o dos outros sinto, e acabo percebendo a teia de relações que se estabelece entre todos os personagens. Brinco com a vida social, com o exercício máximo da alma, o relacionar-se. Tudo aquilo a que a educação do segundo setênio se propôs, a educação para a vida social, agora é vivenciado em plenitude. As habilidades sociais se exercitam na montagem de uma peça teatral. É em brincando exercito este estar ora em mim, ora no outro. Alegria e leveza advêm deste pulsar rítmico, deste respirar anímico. Novas capacidades se mostram à alma, o jovem se encanta com o que consegue realizar, o que alcança – assim os alunos me relatavam seu dia a dia. MERCÚRIO

3- AMOR INCONDICIONAL - Memorizar com o colega, um ajudando o outro; a vontade de realizar o papel e aquele personagem tão reconhecido, um verdadeiro arquétipo, os leva ao empenho – esta passa a ser a descoberta de cada um. VÊNUS

4- POTÊNCIA CRIADORA - Alternar o trabalho de palco com os ensaios musicais; música é ingrediente básico para criar o envolvimento total da alma, para fazer a liga dos sentimentos e mesmo para despertar sentimentos quando todo o resto falha. É o canto e o trabalho instrumental que elevam a experiência sensorial, que criam sensibilidade para o encontro do tom de voz, do gesto e da palavra adequada para cada cena, para cada segundo. Toda a alma é um novo instrumento que está sendo utilizado por inteiro pela primeira vez, portanto o desafinar da alma é comum, é preciso alternar palco e ensaios musicais, ambos são formas de “tocar um instrumento”, e eles logo percebem esta verdade. A música é o alimento maior para os ensaios, aos poucos

vai se tornando exercício diário. Há dias em que muitos choram e se emocionam com o que conseguem atingir ou sentir. Aqui também vemos o todo e partes: ora os alunos se separam em grupos com seus diferentes instrumentos, ora se reúnem para colocar tudo junto, e aí acontece o sublime. Afinar, afinar, suar a camisa é a lei da música, não parar, sentir e perceber cada diferença. Ao final expressar o que ainda não se conseguiu e os sucessos alcançados. Alegria é o que ressoa deste trabalho. SOL

5- DIREÇÃO PARA A EXPANSÃO - Modelar o seu papel e o dos outros. A abertura para que cada jovem possa criar suas cenas, seus gestos e formas lhes desperta a veia criadora, a aventura, o acreditar em sua intuição. Buscam em si a solução para os problemas, apresentam ao grupo e ficam abertos para recriar, para ampliar seus horizontes. Criação em conjunto é o lema. É claro que há um capitão, e eles ficam confortáveis quanto a isso, pois ainda não têm a certeza e confiança para seguir em frente sem as intervenções de um guia. Eles precisam sentir o que é o correto, que aquele personagem naquele momento só podia ter uma forma de agir, de se expressar, pois este sujeito é um todo que age conforme esse todo e o arquetípico momento que passa. São vivências de situações típicas entre os homens e de comportamentos esperados de certos tipos. Alguns dizem que certos signos e berços ditam um perfil. Logo eles percebem, ou pelo menos vivenciam que a humanidade tem uma variedade de tipos e situações identificáveis. Esta percepção é leitura da alma desperta e madura, capaz de reconhecer o momento por que passa um ser humano específico e daí dizer qual será sua reação. Esta percepção do mundo das reações sociais é exercício neste trabalho artístico. MARTE

6- VISÃO DE TODO - Coragem para sair de si próprio e entrar totalmente em uma nova roupa, deixar sua vida e encarnar outra realidade. Quanto mais conseguem abandonar sua situação e entrar em outra, mais maduros estarão. Eis o que devemos incentivar e medir com eles. JÚPITER

7- SABEDORIA CONCENTRADA – O ENCONTRO - Encontrar o ser da peça, criado pelo autor. A história é como uma tapeçaria, com todas as suas cores e formas, que precisa ser composta e quando chega ao ponto desejado pelo criador, então acontece algo muito especial. Todos reconhecem uma grandeza, aparece perante seus olhos um ser, todo um plano de realidade que faz sentido para a alma de quem assiste. Quando isso acontece a plateia chora, ri, se exalta, se emociona, reconhece algo de sublime; ela toca um pedacinho do céu, percebe a obra maior que é uma composição de um grupo de jovens encarnando situações diversas do quadro da vida, encontrando a correta sintonia, trazendo tudo à tona da realidade cotidiana. Começa-se a perceber que as coisas vão se encaixando em seus lugares como num quebra-cabeças, que a beleza do ser criado por Shakespeare, Molière... está se revelando aos poucos. Estar em sintonia com este ser, respeitando-o acima de tudo, buscando trazê-lo à tona é a árdua tarefa. O caminho para esta sintonia é a atenção e concentração nos ensaios, mesmo que naquele dia o aluno não encene. A sua atenção, sua sintonia com o papel do colega o ajuda a lembrar de tudo. Concentração de todos durante os ensaios é *sine qua nom* para o sucesso de cada dia. Quando alguém desliza, se distrai, os outros logo o lembram do momento, começa a surgir um "esprit de corps" na classe, uma fé no resultado do trabalho em grupo. SATURNO

Com estes fundamentos o espetáculo se constrói, as

jovens almas brincam em seu novo jardim de infância, sobem em outro tipo de árvore, balançam em diferentes "cordas", jogam "amarelinha", cantam em roda... Exercitam seus novos "brinquedos", brinquedos que se desenvolveram em seus próprios corpos, que agora fazem parte deles para toda esta vida. No jardim exercitaram toda uma multiplicidade de movimentos físicos que os levaram a independizar ações em seus corpos. Agora, aos 14, exercitam o seu corpo de sentimentos, a independência dos movimentos específicos da alma, difíceis movimentos. Movimentar o amor romântico, platônico, apaixonado, ou então a raiva mais furiosa, mais autêntica, ou então o amor paterno, os ciúmes... várias situações ainda não vividas porém possíveis de serem vivenciadas pois agora possuem as forças geradoras dos comportamentos em si próprios. Desta vez não é apenas um imitar mas um reconhecer em si o que veem nas relações entre os seres humanos. Começam a perceber sua maturidade; com isto surge alegria, dúvida ou vontade de recuar se por acaso esta maturidade astral/emocional está relacionada com experiências muito amargas em seus lares ou mesmo na vida entre os seus professores, os adultos que os rodeiam.

O teatro tem a virtude de revelar o que pulsa em nossa vida, o que é mais sagrado, o que fica escondido pelos mantos das tradições conservadoras puritanas e dogmáticas. As forças para lidar com estas questões já se mostram disponíveis para atuar, a maturidade é reconhecida por eles, pelo professor e mais tarde pelos pais e pela comunidade. Este reconhecimento gera a emoção da plateia que respinga neles através de choros e aplausos. Afinal, no palco tudo se revela, tudo que pertence à alma e ao espírito humano, e nesta idade em especial, o que pertence à alma como morada da vida afetivo-emocional.

Teatro Pedagógico aos 18 anos

Quando encenam uma peça aos 17-18 anos, o que se revela é o drama do espírito humano em sua jornada na Terra, de sua caminhada pelos aparentemente incompreensíveis abismos criados com guerras, holocaustos, consumos desenfreados, cadeias de destruição, negação da existência e da cadeia de relações que existe entre todas as forças vivas, este nosso drama, já previsto por Goethe no Fausto, por Eschenbach no Parsival e por outros grandes poetas. Peças que lidam com a questão da existência só são pertinentes quando a sua individualidade estiver mais presente e portanto começando a experimentar os vazios, os vácuos da vida. Esta maturidade da individualidade começa a ser alcançada aos 18 anos. Refletindo sobre o que começa a nascer dentro de si, na hora em que começam a ganhar as novas ferramentas para lidar com a plenitude da vida, ganham a real dimensão da humanidade e do que é humano, colocam-se frente a frente com a cosmovisão de seu interior e as leis que o regulam e que precisam ser reconhecidas para evitar grandes catástrofes, para gerar harmonia interior.

Nesta fase o teatro é capaz de interiorizar o conhecimento adquirido através das ciências. No ensino médio os jovens adentram no mundo abstrato de leis, mecânicas, fórmulas, e é através da arte dramática que podem relacionar a ciência com o seu mundo interno, com o microcosmo de forças que atuam dentro de todos nós. Nesta hora encontram conforto, e é este conforto que os impedirá de atuar com desconhecimento de seu potencial e de suas sutis leis de comportamento. A química interna do homem é um emaranhado de descargas hormonais geradas e geradoras de vivências, experiências, imaginações (naturais de cada idade, leis biográficas da

alquimia cerebral. Hormônio vem do grego e significa pôr em movimento). Esta química nos permite visões, atitudes, sentimentos e novas cognições, elas abrem portas no cérebro para novas relações neurosensoriais. Os avançados estudos da neurociência começam a perceber todas estas relações que a antiga alquimia revelava. Alquimia da vida interna é o que se percebe ao adentrar no teatro. Se conhecemos os elementos e leis da química, da física e da biologia, então vemos que no palco de nossa vida interna também agem estas ciências; podemos começar uma releitura do que é científico para o mundo exterior a fins de uma compreensão do que antes parecia incompreensível e sem sentido. A magia da vida, a percepção da origem e do destino começa a se fazer presente, a certeza de que internamente há a maior força disponível no Universo, tudo isso vai aparecendo e se

tornando realidade para o jovem que atua no palco da escola, reflexo do seu palco interno, reflexo das leis científicas mais avançadas. Tudo começa a se interligar, a fazer sentido, a se relacionar, e tudo a serviço do que o ser humano mais precisa, sua busca de identidade. Identidade pessoal, identidade de grupo, identidade humana. A identidade pessoal me leva à inspiração, a ouvir a palavra do meu anjo. A identidade de grupo me leva à imaginação, a receber as imagens do arcanjo Rafael. A identidade humana me leva à intuição, a me conectar com o arcanjo da época, a agir pela força de Micael. O Teatro como terapia da alma.

Alfredo Rheingantz é economista, professor Waldorf, diretor da Associação Pedagógica Rudolf Steiner, gestor da Associação Sagres, diretor da APHINS Incorporação Imobiliária.

Meditação

Michael Mosch

A diretoria da Sociedade Antroposófica pretende aprofundar diferentes aspectos referentes ao tema Meditação, impulso essencial da Antroposofia. Há alguns anos a diretoria do Goetheanum já vem trabalhando sob formas específicas as chamadas "Oficinas de Meditação" as quais tivemos a oportunidade de realizar ao longo de 2010 também no Brasil. O cultivo de uma "cultura de meditação" enriquece e propicia o desenvolvimento humano nos dias atuais e futuros. Com este intuito gostaríamos de iniciar uma sequência de artigos escritos independentemente e não interligados por diferentes autores a serem apresentados nesse e nos próximos números deste Boletim.

Rudolf Steiner apresenta com a sua Antroposofia, a Ciência Espiritual, uma abordagem moderna para a meditação. Descrevendo e caracterizando esse conceito de variados pontos de vista ele se expressa em determinada situação como sendo forma de imersão do pensar ou imersão na atividade de elaboração de pensamentos. Trata-se de pensamentos formados na ausência de percepções sensoriais e de recordações que afloram da memória. É o pensar pelo qual se constrói imagens e cujo processo é considerado como objeto observado, o pensar que ao surgir se contempla: denominou-o de pensar puro. Ao descrever o referido processo meditativo ou a imersão na atividade pensativa (Rudolf Steiner, GA 17) destaca a necessidade de rigor e determinação da elaboração de uma imagem em forma de pensamento. Mesmo assim nada precisa ser empreendido além dos meios que a vida proporciona ao ser humano quando pensa no dia a dia. Existe, porém, um desafio com a exclusão da percepção sensorial e da recordação, quando na meditação a concentração é destinada ao pensamento, estar contido exclusivamente no pensamento e na força que o sustenta. Isso proporciona à alma um sentimento vivaz da situação desse acontecimento, fortalecendo-a. Vigor da alma se dá por meio do viver no pensamento por determinado espaço de tempo e vivenciar a força empreendida na atividade pensante. A eficácia da meditação está vinculada à repetição dos exercícios. Trata-se da tentativa de preencher a alma toda com a força e o conteúdo inerente à imagem pensada. A intensidade potencializada, antes dispersa, mas de forma latente e presente na alma engrandece-a, fortalecendo-se a ponto de se transformar em órgão cognitivo anímico para o âmbito espiritual. Desse processo brota a disposição anímica que leva ao sentimento de se sentir tocado pela essencialidade espiritual, pelos seres inerentes ao mundo espiritual.

Quando e como Rudolf Steiner descobre essa forma para a meditação? Ainda criança, ele percebe o vínculo do pensar

com a percepção que emana da atividade dos órgãos sensoriais concomitantemente com imagens que afloram da alma como recordações da memória. Ele reconhece que perguntas podem ser respondidas, que problemas podem ser solucionados em consideração às percepções, mas que o conhecimento sobre as coisas percebidas, o conhecimento sobre fenômenos perceptíveis sempre levam e sempre conduzem ao limite do conhecimento. Isso se dá por conta da natureza limitada dos órgãos sensoriais humanos. É esclarecedor a maneira como Rudolf Steiner descobre na infância que existe, atrelado ao sensorial humano, um limite para a cognição. Por meio da visão, do tato, da audição e demais órgãos de percepção sensorial ele dominava a elaboração de conhecimento. Perguntas incitavam novas observações de fatos, esses, agregados à elaboração de pensamentos, nas associações e combinações de conceitos, esclareciam e determinavam o que percebia. Porém conscientizou-se que o homem percebe superfícies, texturas, cores, formas e configurações; ele percebe e conhece somente o que é manifesto. Tudo que é oculto e se revela por meio da expressão nas formas do sensorial perceptivo, por exemplo, não é aparente a ponto de ser percebido. Configura-se assim o limite imposto pelo sensorial humano para a cognição em geral, o limite do conhecimento. Aos 9 anos de idade Rudolf Steiner se confrontou com perguntas para as quais não encontrava soluções na realidade visível e perceptível, reconhecendo esta tal limitação. Perguntou-se: *como esse limite pode ser vencido?*

Dentre alguns exemplos em sua autobiografia (Rudolf Steiner, GA 28), Rudolf Steiner destaca uma vivência que acontecera próximo à residência de seus pais em uma fábrica de fiação para a tecelagem. Por uma porta, ele descreve, entrava a matéria prima bruta, possivelmente lã e algodão, e por outra porta a mercadoria manufaturada na forma de novelos para a indústria de tecelagem era desembarcada. Jamais foi revelado ao menino como de fato era o procedimento no interior